



**ALMADA
OS PAINÉIS
A GEOMETRIA
E TUDO**

**As entrevistas com
ANTÓNIO VALDEMAR**

ASSÍRIO & ALVIM

ALMADA
OS PAINÉIS
A GEOMETRIA
E TUDO

as entrevistas com
ANTÓNIO VALDEMAR

prefácio

JOSÉ MANUEL DOS SANTOS

ASSÍRIO & ALVIM

Almada. Os Painéis, a Geometria e Tudo
as entrevistas com António Valdemar

Publicado em Portugal por
Assírio & Alvim

© António Valdemar
© Herdeiros de José de Almada Negreiros
© José Manuel dos Santos (prefácio)
© Porto Editora, 2015

As imagens utilizadas neste livro pertencem ao espólio de Almada Negreiros e foram gentilmente cedidas pelos herdeiros

1.ª edição: setembro de 2015

Na capa: António Valdemar e Almada Negreiros, Lisboa, Chiado, maio de 1960

Assírio & Alvim é uma chancela da
Porto Editora

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico, Lda.**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 396441/15
ISBN 978-972-57-1842-5



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

de companheiros, de colaboradores (é preferível aqui a palavra companheiros), tentei procurá-los mas nunca os encontrei. Nas várias conferências públicas que realizei sobre estes assuntos fazia sempre um convite às gerações para virem comigo. Nunca vieram. Só depois de concluída a especulação [1946] surgiram os companheiros.

Todo este trabalho é um trabalho de geração e não um trabalho individual como eu fiz. Não perdoou. Tornarei a falar neste assunto. Como artista compete-me este conhecimento, mas de maneira nenhuma me compete comunicá-lo. A circunstância que me obriga a vir publicamente à comunicação é fora da minha arte e dever de outros que o não fizeram. Que sejam os eruditos a receber, isso já não é comigo. O que me interessa é que o homem corrente receba a comunicação.

Não é para eruditos que tento a divulgação. A eruditos apresento o resultado. Sujeito-me absolutamente à competência das suas respectivas erudições. Que venham. Mas não queiram trazer cálculo a conhecimento cuja característica é não o ter. Se o cálculo confirmar, parabéns ao cálculo. Se não confirmar, cuidado com o cálculo.

Dirijo-me francamente, repito, ao homem corrente, aquele que espera do cálculo que lhe apresse os deveres da sua profissão para ficar com o seu tempo livre, aquele tempo que não faz do cálculo um fim.

Quando começou este trabalho?

Aí está uma resposta um pouco difícil de lhe dar, porque eu hoje tenho a impressão de, durante toda a minha vida, não ter feito outra coisa senão este trabalho. Há um caso francamente curioso: comecei exatamente muito antes de eu próprio ter dado por isso. Isso coincidia com o aparecimento de um grupo de jovens que ficaram conhecidos pelos do *Orpheu*. Ora o *Orpheu*, sendo um movimento literário, tinha (e isto desconhece o público ainda hoje) dentro do seu próprio grupo duas facções — uma absolutamente literária e outra francamente plástica. Escuso enumerar os nomes da facção literária. Mas, precisamente, como a facção plástica foi a que não teve nomeada (sobretudo para o grande público), direi os seus nomes: Amadeo de Souza-Cardoso, Santa Rita Pintor e eu.

Assim é que, com o aparecimento do *Orpheu* ao mesmo tempo que o princípio da grande nomeada dos Painéis, os inimigos, os opostos ou

os contrários daquele movimento, atiravam-nos à cara com o Nuno Gonçalves. Isto fez precisamente com que a facção plástica do *Orpheu* se sentisse e tomasse a peito a resolução de tratarmos também dos Painéis. Assim foi que, no ano de 1918, Amadeo de Souza-Cardoso, Santa Rita Pintor e eu firmámos um pacto de estudos sobre esses Painéis.

Jovens como éramos, esse pacto foi firmado do seguinte modo: cada um de nós foi ao nosso barbeiro pessoal e cada um de nós mandou cortar, rapar a cabeça à navalha de barba e as sobranceiras também. [*Almada oferece-nos um cigarro e em seguida declara-nos:*] Já que lhe falei nas duas facções, digo-lhe para comprovação este facto bastante curioso. A facção literária apresentou como seu patrono o poeta Camilo Pessanha; nós, em contraposição — nós os artistas plásticos —, propusemos e apresentámos como nosso patrono Cesário Verde. [*Retomando o fio da conversa anterior, diz-nos:*] Do pacto com Amadeo de Souza-Cardoso, Santa Rita Pintor e eu nada se adiantou. Não passaram quinze dias sem que Santa Rita Pintor e Amadeo de Souza-Cardoso se tivessem separado violentissimamente. E nesse mesmo ano ambos faleceram. Então, continuei a estudar sozinho.

No momento em que estavam evidentes e bem patenteadas ao público as seis tábuas atribuídas a Nuno Gonçalves eu estava absolutamente subjugado por uma outra da mesma época — *Ecce Homo*¹. Apesar desta obsessão encontro nos Painéis a perspectiva dos ladrilhos, que — a dizer a verdade — a corroborar a sua notoriedade, ela é fundamental ainda hoje. Simplesmente, no conhecimento do assunto depois dessa descoberta tive a recordação, a memória de factos anteriores sobre o *Ecce Homo*, que, não sabendo de maneira nenhuma anotar, são incomparavelmente anteriores à perspectiva dos ladrilhos.

¹ Ver Caetano, Joaquim de Oliveira, in *Primitivos Portugueses*, op. cit.